

Conclusão: Ficcionalizar para existir

Histoire du Portugal par coeur e *Pau-Brasil* apresentam uma releitura da história, marcada, nos dois casos, por um olhar “de fora”. No caso de Almada o texto foi escrito quando o autor estava em Paris, período que significou para ele um tempo de reflexão sobre o seu caminho como artista. *Histoire du Portugal par coeur* e os desenhos então produzidos marcam o começo de uma nova fase em sua obra.¹ No caso de *Pau- Brasil*, Oswald também o “descobriu” em Paris, como descreve Paulo Prado: “Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place Clichy – umbigo do mundo – descobriu, deslumbrado, a sua própria terra”.² Esse afastamento não produz, em Almada ou Oswald, um distanciamento crítico. Ao contrário, provoca nos dois a necessidade de rever a própria história pautada pelo desejo de pertencimento.

Histoire du Portugal par coeur e *Pau - Brasil* são textos muito diferentes, a começar pelo “tempo histórico” abrangido em cada um. *Pau Brasil* abrange um tempo mais longo, da descoberta ao tempo presente; *Histoire du Portugal par coeur* é um poema mais curto, que abrange, embora não cronologicamente, um período que começa no séc. XII e termina no século XVI. Existe entre os dois poemas essa diferença fundamental, de se debruçar sobre o passado para chegar ao presente, no caso de *Pau-Brasil*; ou de debruçar-se sobre o passado deixando o presente em aberto. A diferença entre estes dois finais é significativo: enquanto em *Pau-Brasil* existe, no presente, um país concreto e desejado, em *Histoire du Portugal par coeur* o que se deseja é um gesto “por vir”.

Diferente é também a forma como se dá o diálogo com a história em cada um dos poemas. Em *Pau - Brasil* esse diálogo fica evidente na intertextualidade com a história “oficial”. À medida que o poema se aproxima do tempo presente, a intertextualidade vai cedendo lugar à voz do sujeito do poema. Já em *Histoire du Portugal par coeur* temos desde o começo uma voz subjetiva, oscilante entre um “eu” e um “nós”. O caráter mítico e fabuloso da narrativa, em que episódios e personagens aparecem desproporcionais e irretocáveis, tem um tom menos crítico. É o final do poema, deixado

¹ FRANÇA, J. A. “Le Portugal par coeur”. In: *Almada Negreiros o português sem mestre*, p. 223-239.

² PRADO, P. In: ANDRADE, O. de. *Pau Brasil*, p. 57. A primeira edição de *Pau Brasil* é publicada em Paris pela editora dirigida por Blaise Cendrars, Au Sans Pareil.

em suspenso, que desconstrói a história “tradicional” e revela o caráter provocador da interpretação. Temos assim uma história “canibalizada” em *Pau- Brasil* e uma história “congelada” em *Histoire du Portugal par coeur*.

A paródia é usada simultaneamente como homenagem e crítica, para recuperar uma memória da história e evitar a “história do esquecimento”. Almada quer trazer à memória um período grandioso da história de Portugal em que coletividade e individualidade estavam em equilíbrio. Isso leva-o ao período dos descobrimentos, não como nostalgia do império, mas para recuperar o gesto que resultava desse equilíbrio. Oswald também volta ao passado, à defesa das características “primitivas” presentes na formação do brasileiro, a que se junta depois a recuperação da participação portuguesa na formação do Brasil.

Portugal está no Brasil de Oswald, o Brasil não está no Portugal de Almada. Portugal está presente em *Pau - Brasil*, seja em forma de paródia, crítica ou rasura. O Brasil, ou outras ex-colônias, ao contrário, não estão presentes no poema de Almada, embora o poema faça referência a um período da história em que o Brasil já existia. Essa diferença está relacionada com o “programa” de cada um dos modernismos: a Portugal a existência concreta das colônias não interessava. Para o Brasil, para quem o importante era separar-se de Portugal, a crítica fazia parte da estratégia. Passada a fase de ruptura justificada pela necessidade de afirmação de sua autonomia cultural, Oswald vai “rever” a colonização portuguesa. O Portugal que Oswald quer resgatar está a séculos de distância do Portugal que Almada quer construir. Ou seja, o Portugal de que cada um dos poetas fala é um Portugal diferente! E o diálogo fica por fazer... Não por incompatibilidade, mas por momentos diferentes da cultura de cada país.

Almada não pode escapar da herança cultural da Europa, uma Europa que, segundo ele, encontrou sua coesão na “diferença”.³ Por isso, ao mesmo tempo em que reivindica a inserção de Portugal na Europa, luta para que Portugal mantenha a sua singularidade. Oswald, ao contrário, não tem o peso duma tradição a respeitar. Está “condenado ao moderno”, embora perceba na cultura brasileira uma falta de pertencimento: “O que precisamos é nos identificar e consolidar nossos perdidos contornos psíquicos, morais e históricos”.⁴ É a partir desse momento que passa a ser importante, em sua intenção de resgatar a memória do Brasil, o reconhecimento das particularidades da colonização portuguesa.

³ NEGREIROS, A. “Prometeu, ensaio espiritual sobre a Europa”. In: *Ensaio*, p. 95.

⁴ ANDRADE, O. “A marcha das utopias”. In: *A utopia antropofágica*, p.168.

A descoberta do novo mundo, pela radical experiência de alteridade que provoca, obriga os europeus a uma revisão da sua concepção de unidade e pureza da raça. Portugal participa dessa descoberta “misturando-se” e, portanto, à sua maneira, contribui para o abalo do cânone. Daí vem sua condição semi-periférica: centro das colônias, periferia da Europa. Entretanto, por ter uma “cultura de fronteira”, Portugal não desempenha em relação às colônias o papel centralizador esperado, tornando-se em muitos aspectos mais próximo delas que da Europa.

A distância que ambos os países têm em relação à Europa, aproxima-os, estimulando neles uma atitude crítica frente aos valores europeus. É o que se pode depreender pela sua defesa de duas noções bastante próximas: inocência e ingenuidade. O apelo a essa “regressão” como forma de resgate de um entendimento ingênuo ou mais “livre”, tem no entanto origens diferentes em cada autor: em Oswald resulta do resgate de características recalcadas, logo, já existentes na civilização brasileira. Enquanto em Oswald o “peso” a retirar foi transposto, em Almada trata-se de um “peso” inerente à própria cultura. Essa a razão para que Oswald pense a Antropofagia como uma terapêutica. A defesa da ingenuidade em Almada aponta para a necessidade de colocar o emocional acima do intelectual, o que depende da preservação do “élan”, essa liberdade que não se deixa apagar com a aquisição de conhecimento de que depende a criação. A poética de ingenuidade que *Histoire du Portugal par coeur* inaugura, requer um despir da aprendizagem, um estado de abertura a partir do qual se possa construir uma nova forma de conhecimento. A defesa da inocência feita por Oswald, quer funcionar como terapêutica para uma civilização em crise, que privilegia o individual, o trabalho, o lucro.

Esperamos ter conseguido demonstrar ao longo deste trabalho que Almada Negreiros e Oswald de Andrade, pela potência criativa de suas obras, realizam a inversão da “poética do dilaceramento”, convertendo a “falta” em “mais valia” e assim escapando da subordinação aos modelos. Embora tivessem que enfrentar a questão da identidade, essencial na construção da autonomia, deram-lhe uma solução inovadora. Em vez de uma concepção cristalizada procuraram articular identidade e diversidade. É o que se pode perceber confrontando o lema antropofágico “Só me interessa o que não é meu”, com o Sensacionismo de *Orpheu* “Ser-tudo-de-todas-as-maneyras”. Nos dois opera-se uma espécie de canibalismo que dará origem a uma nova identidade. Enquanto no caso do *Manifesto* se trata de digerir influências européias e nativas para dar origem a um novo formato, no cosmopolitismo de *Orpheu* defendido por Almada, a proposta é

criar uma arte nacional sem ser nacionalista, que possa transitar pela Europa. Procedese, nos dois casos, a uma combinação de elementos existentes que dão origem a uma nova configuração.

Se quisermos definir suas propostas como nacionalistas, teremos de reconhecer que foram autores de um nacionalismo peculiar, mais interessado na ampliação do horizonte de possibilidades que na defesa de características “únicas”. A própria condição histórica os levou a isso. Portanto, se no modernismo, existe uma marca universalista desde o princípio, conseqüência da dependência cultural em que viviam, ela tem nos dois autores um tratamento “original”.

Silviano propõe para o intelectual e artista periférico, uma análise fora dos padrões da imitação e influência. Que exija para si instrumentos próprios de avaliação. E lança mão de uma distinção de Barthes entre textos legíveis e texto escrevíveis. O texto legível é o texto clássico, que existe para ser lido, que se basta em sua leitura, enquanto o texto escrevível é o que estimula novas escritas, retirando o leitor do seu lugar confortável, levando-o à transformação. São textos que não reproduzem, produzem leituras. O texto escrevível constrói-se através de uma reflexão “traíçoeira”, em que o leitor / escritor tenta encontrar furos e imperfeições para na reescrita ir além dele. Desarticulá-lo e rearticulá-lo de acordo com suas intenções como forma de fugir do cânone universal. Bem se vê como *Pau-Brasil* facilmente se insere neste modelo.

O projeto de *Histoire du Portugal par coeur* não é menos audacioso, começando por reivindicar uma história “pessoal”, que seleciona seus leitores por estar escrita em língua estrangeira. *Histoire du Portugal par coeur*, indo ao encontro do que Octavio Paz chama de “consagração do instante”. O poema como poder de evocação da memória da coletividade. O poema como história, ao mesmo tempo em que não se esgota nela.

“O Entre-lugar do discurso latino-americano” a que se refere Silviano Santiago, esse lugar “entre obediência e rebelião” onde se encontra o escritor na América Latina, pode servir também para pensar o “entre-lugar” de Portugal na Europa.⁵ Como é escrever e pensar nesta situação?

Pelo experimentalismo que mantiveram ao longo do percurso como artistas, Almada Negreiros e Oswald de Andrade não ficaram presos a modelos nem à obrigação

⁵ Cf. cap. 2, sobre vanguardas periféricas.

de inovar. Preferiram o caminho, mais arriscado, de experimentar. Por essa razão “Transbordaram do moderno. Permanecem modernos. Continuam modernos”.⁶

⁶ FREIRE, G. Apud ANTELO, R. “Alteração e iteração”. In: *Gilberto Freire e os estudos latino-americanos*, p. 65.